
ELIAS E O COUNTER-EGO

Stephen Menell
Francisco Cock Fontanella
Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
Ana Valéria Bisetto Bork

Resumo

Este texto apresenta a experiência sobre o relacionamento entre Stephen Menell e Norbert Elias. Neste processo são enfatizados aspectos em que Elias resistia à publicação de suas idéias fora de sua língua, a alemã, e a constante busca de Menell pela compreensão de tais idéias.

Palavras-Chave

Norbert Elias; Counter-ego; Sociologia.

I paused to watch the fly marks on a shelf
And found the great obstruction of myself
Thom Gunn¹

Abstract

This text presents the experience on the relationship between Stephen Menell and Norbert Elias. In this process aspects are emphasized in that Elias resisted to the publication of his ideas out of your language, the German, and the constant search of Menell for the understanding of such ideas.

Key-Words

Norbert Elias; counter-ego; sociology.

¹ Thom Gunn, 'The Nature of an Action', in *The Faber Book of Modern Verse* (ed. Michael Roberts, ver Donald Hall), London, Faber & Faber, 1965, p. 392.

INTRODUÇÃO

Conversando, Norbert Elias fez experimentos com o conceito de “counter-ego”². Embora eu nunca tivesse discutido com ele a respeito, creio que sabia exatamente o que ele queria dizer - e a que correspondia na sua própria experiência - tão logo Cas Wouters mencionou a idéia para mim. Como muitos outros seres humanos civilizados Norbert era freqüentemente seu pior inimigo.

A mais clara ilustração é aquela que teve conseqüências mais amplas na frustração e atraso na disseminação e recepção de suas idéias - as muitas coisas que ele prezava mais profundamente - era a obstrução repetida em publicar uma tradução inglesa de *O processo civilizador*. Alguns de nós consideramos, ocasionalmente, que a disciplina de sociologia teria uma influência maior nos anos do pós-guerra, caso *O processo civilizador* tivesse sido publicado e tivesse recebido um reconhecimento comparável, perto do ano de publicação, de um trabalho contemporâneo intitulado *A estrutura da ação social*³ de Talcott Parsons. Recentemente, em 1995, um excelente livro texto inglês de teoria sociológica foi capaz de iniciar com um capítulo intitulado: “Talcott Parsons: Onde tudo começou”. Este mesmo livro não contém qualquer referência a Elias, o que é sobremaneira irônico, considerando-se a dedicatória feita pelo autor: “Para todos os meus amigos no Leicester”⁴. A hegemonia de Parsons na sociologia mundial no pós-guerra ainda deixa sua marca: o descrédito de sua teoria funcionalista de sistemas a partir da década de 1960, no entanto, as assunções expressamente neo-Kantianas nas quais o trabalho de Parsons estava fundado nunca foram repudiadas pela maioria das escolas de pensamento sociológico posteriores, e elas estão refletidas no caráter não processual da formação de conceitos que ainda largamente predominam na disciplina. O processo civilizador, ao contrário, proporciona um exemplo paradigmático de uma pesquisa teórico-empírica baseada em conceitos processuais muito mais úteis e esclarecedores.

Por que, então, Elias obstruiu a publicação do seu trabalho em inglês? Sabemos que houve várias tentativas anteriores de publicar *The civilizing process* antes da versão publicada por Edmund Jephcott em 1978 e 1982. Patrick Gordon Walker tentou atrair o interesse de editores não muito depois da guerra e uma primeira versão do primeiro volume parece que circulou em Leicester nos anos de 1960. Nos anos de 1970, quando encontrei Elias e suas idéias pela primeira vez, Eric Dunning estava completando uma

² N. T. Por falta de uma palavra em português que traduza adequadamente o conceito de *counter-ego*, optamos manter a palavra original. Em termos gerais, acreditamos que *counter-ego* seja uma forma de explicar a resistência que Norbert Elias tinha contra seu próprio ego. No desenvolvimento do texto verificamos constantes contrastes nas atitudes tomadas por Norbert em relação ao que seus colegas esperavam.

³ Talcott Parsons, *The Structure of Social Action*. New York, McGraw Hill, 1937.

⁴ John Scott, *Sociological Theory: Contemporary Debates*. Aldershot, Edward Elgar, 1995.

tradução muito agradável e fiel - outra vez do primeiro volume - e que era a versão que li por primeiro.

Mas ela nunca foi publicada. Uma vez que Eric a completou, Norbert desejou começar a revisão do texto original. De modo particular, suponho, ele disse que lá pelos anos de 1930 ele teria feito numerosas notas sobre masturbação, mas se sentiu incapaz de usá-las naquela época e agora queria inserir uma nova seção a respeito. Há algo de metafórico nesta história. Dizer que Norbert era um perfeccionista provavelmente esconde mais a respeito dele do que revela: Ilse Seglow anotou que achou “difícil deixar suas crianças irem”, e achei difícil imaginar quais aspectos de sua vida criaram o problema⁵. Alguma coisa parece, por assim dizer, ter provocado a formação de um forte “counter-ego”.

A experiência de Eric Dunning com a tradução de *The civilizing process* se repetiu, quando em colaboração com Grace Morrisey traduzi *What is sociology?*. Desde o começo eu era irritado pelo modo de escrever de Elias. Ainda que - pelo menos antes de seus últimos anos de vida - não tivemos desentendimentos sérios, eu sentia uma ambivalência notável, a qual, Norbert com sua usual perspicácia nas relações interpessoais, logo percebeu. Lembro-me dele dizer a um de nosso círculo, “Stephen é muito leal”, mas ele estava sempre sabendo da minha impaciência. Eu sempre tendia a visualizar a promoção de suas idéias como uma espécie de campanha política, talvez porque eu era um ativista político. Eu era um conselheiro trabalhista da cidade em Exeter, quando nos encontramos pela primeira vez, e mais tarde fui candidato parlamentar SDP por Exeter na eleição geral de 1983. Norbert inversamente permaneceu ambivalente a respeito do meu envolvimento político, que ele considerou basicamente como incompatível com o distanciamento relativo requerido por um bom trabalho sociológico, ainda que no período em que pareceu que eu teria considerável chance de ser eleito um Membro do Parlamento, ele disse que ele iria mais tarde tomar chá comigo no terraço da Câmara dos Comuns.

Minha ligação com Norbert era puramente acidental. Certa vez, de manhã, em 1969, eu estava sentado tomando café no Common Room em Exeter com Mikey Morrisey, do departamento de História Econômica, então meu colega, o qual me falava que sua esposa, Grace, estava ficando louca de aborrecimentos, educando duas crianças na sua casa de campo no centro da zona rural de Devon. Ela teve uma boa graduação em alemão na universidade de Manchester e foi lhe aí falado que havia necessidade de traduzir para o inglês bastante escritos de sociologia alemã. Eu disse que, apesar de que meu alemão não era bastante bom eu tinha uma familiaridade razoável com a terminologia sociológica alemã e

⁵ N.T. Acreditamos que a metáfora utilizada seja para que o autor aponte para a dificuldade que Norbert enfrentava em aceitar a chegada da velhice. Ou seja, aceitar um início de desorganização em sua vida.

poderia ajudá-la na tradução. Eu disse que dedicaria algum tempo para encontrar algo digno de ser traduzido. Depois de consultar meu chefe de departamento, professor Duncan Mitchell, eu me dei conta do que era a *Kulturgeschichte als Kultursoziologie*, o que pareceu uma boa escolha, tendo em vista aquilo que eu iria aprender a respeito da importância de Alfred Weber na história intelectual de Norbert Elias⁶.

Mas, após meses de investigação junto a Mike Shaw, meu agente literário, ficou claro que nenhum editor britânico estava interessado em Alfred Weber. Em lugar disso, Mike voltou-se para mim com uma pergunta de Hutchinsons: estaria Grace interessada em traduzir um pequeno livro intitulado *Was ist Soziologie?* de alguém chamado Norbert Elias? O nome soou-me apenas como uma campanha bem distante; anos mais tarde dei-me conta de que o tilintar pouco distinto era devido ao fato de John Goldthorpe ter colocado o artigo, *Problems of Involvement and Detachment*, de 1956, de Norbert Elias numa bibliografia nos meus anos de pós-graduação em Cambridge - mas eu duvido muito que eu o tenha lido, se li não entendi, na época de estudante. Atualmente, eu me sinto longe de estar entusiasmado com uma tradução do livro de Elias, que soou como um livro texto introdutório antes que uma obra clássica⁷ maior. Fui informado em seguida de que Juventa Verlag o recomendou como volume introdutório para as traduções alemãs das séries bem sucedidas Prentice-Hall, de livros textos elementares, porque o livro americano equivalente de mesmo título - *What is Sociology?* de Alex Inkeles - era manifestamente inadequado⁸ do ponto de vista intelectual. Entretanto, traduzimos duas partes do livro como teste, passagens escolhidas, entendemos, pelo autor das séries; eventualmente fomos informados de que nossos esforços foram recebidos com entusiasmo por aquela remota figura a qual tinha estado precedentemente muito desapontada com a incompreensão dos tradutores profissionais. Assim comecei a trabalhar no livro e então começaram minha longa correspondência e a subsequente amizade com Elias.

Minha primeira reação foi de desapontamento. Eu não podia ver nesta época o significado da introdução ou do capítulo segundo, ainda que o capítulo primeiro, de que tanto gostei, o qual mudou minha percepção a respeito de Augusto Comte, que eu tinha até então - com base nas leituras de John Goldthorpe em Cambridge e no seminário de Robert Bellah em Harvard - considerado uma figura

⁶ Alfred Weber, *Kulturgeschichte als Kultursoziologie*, Munich, R. Piper, 1950 (first published in 1935). Cf. Norbert Elias, *Reflections on a Life*, Oxford, Polity Press, 1994, pp. 101-20.

⁷ No dia 17 de julho de 1971, eu estava quase para enviar duas partes de teste para Elias, e eu escrevi para meu agente Mike Shaw: 'Eu estou bem feliz em ajudar Grace com Elias, porque eu gosto do trabalho. Ela se sai bem em tentar resolver isto, assim como ela fica nervosa sobre a escala íngreme de Weber. Por outro lado, não existe muitos custos acadêmicos para mim em traduzir Elias, enquanto que Weber poderia ter sido um marco principal. Pouco eu sabia sobre o livro de Elias que iria afetar a direção da minha carreira acadêmica de forma decisiva.

⁸ Alex Inkeles, *What is Sociology?*, Englewood Cliffs, Nj, 1964.

imensamente excêntrica do século XVIII e de pouca relevância para a sociologia contemporânea. Quando cheguei ao capítulo terceiro, o “Game Models”, a “ficha caiu” de modo decisivo. Era isto que eu procurava e tateava de maneira incipiente nas minhas leituras de teoria sociológica em Exeter. Eu passei o ano escolar de 1966/67 como “Frank Knox Fellow” no Departamento de Relações Sociais em Harvard, sentando-me aos pés de Parsons, Homans, Lipset, Riesman, Bellah, em sociologia, Gergen e McClelland em psicologia, Maybury-Lewis em antropologia, e preocupado com aquilo que é chamado problema “macro-micro”. Era o tempo em que a obra *Exchange and Power in Social Life*, de Peter Blau era o centro das discussões em sociologia, e como graduado em economia eu apreciava submeter a exame suas suposições primariamente racionalistas e as achava inadequadas⁹. Eu li Simmel a respeito do significado dos números na vida social e entendi porque o modelo didático de interação era uma base inadequada para “cobrir o abismo macro-micro”. Vinte anos mais tarde quando participei do encontro de 1992, da Associação Sociológica Americana em Pittsburgh, que tinha como tema as relações macro-micro, a sociologia americana não parecia ter progredido. Mas então, em 1971 surgiu a solução. Os modelos não eram exatamente uma “teoria”, como os sociólogos convencionais entenderiam o termo, mas usando a frase de Harold Garfinkel, eles servem de ajuda a “imaginação lenta”, mostrando quanta independência está relacionada às razões do poder, como as razões do poder estavam relacionadas a processo sociais não planejados, como a estrutura de processos sociais estavam relacionados à percepção popular e à formação de ideologias, e ainda mais (incluindo quão fútil era a distinção convencional da estrutura informacional, mesmo quando revestida de uma linguagem superficialmente processual, tal que “estruturação”). Mais tarde, depois de ler *The Court Society*, segundo volume de *The Civilizing Process*, e *The Established and the Outsiders*, eu estava também apto para entender como o poder luta, e como as razões do poder estavam relacionadas à formação do “habitus”. Naquele momento, eu pensava que “Game Models” era uma informação suficiente. A partir de então, entendi de que o *What is Sociology?* tratava, e apreciei a “necessidade de muitos meios de falar e pensar”. Usei os modelos no meu primeiro livro - que apareceu quatro anos inteiros antes da nossa tradução e que foi muito mais lido - como também na minha contribuição para o *Festschrift*¹⁰. Mas a consequência imediata foi que, tendo descoberto que não havia nada a explicar para Grace no jargão sociológico convencional, vi-me forçado (com o meu sempre inadequado alemão) a assumir o papel de parceiro “sênior” no time de tradução, porque a tarefa era muito

⁹ Peter M. Blau, *Exchange and Power in Social Life*. New York, Wiley, 1964; ver Stephen Mennell, *Sociological Theory: Uses and Unities*. London, Nelson, 1974, pp. 91-115.

¹⁰ Stephen Mennell, *Sociological Theory: Uses and Unities*. London, Nelson, 1974, pp. 82-9, “‘Individual’ Action and its ‘Social’ Consequences in the Work of Elias”, in P. R. Gleichmann, J. Goudsblom and H. Korte, eds., *Human Figurations: Essays for Norbert Elias*, pp. 99-109. Amsterdam, Stichting Amsterdam’s Sociologisch Tijdschrift, 1977.

mais fundamental do que eu a princípio tinha percebido. Mesmo assim, sentia um pouco de ceticismo quanto a introdução de neologismos. Lembro-me que, pensando comigo mesmo, que o termo “figuration” estaria submetida às mesmas pressões do processo reducionista, e, se ele se torna popular, logo chega a ser usado tão estaticamente como “system” costuma ser.

Eu estou me adiantando. Eu ainda não tinha me encontrado com Elias. Eu enviei capítulos em rascunhos para ele por mais de um ano. Naquela época Grace Morrissey estava morando em Glasgow. Ela enviou os seus rascunhos em manuscritos para mim em Exeter; eu os revisei, os datilografei, e os enviei para Norbert em Leicester, juntamente com listas claramente organizadas dos problemas que haviam surgido, - com o pedido que ele nos desse sua orientação em como palavras repetidas deveriam ser traduzidas, de forma que pudéssemos gradualmente tornarmo-nos mais consistentes e eliminar os problemas assim que nós trabalhássemos com o livro. Para meu espanto, tivemos pouco retorno e nenhuma resposta às nossas indagações detalhadas. Ele parecia menos contente com os primeiros capítulos completos do que com as nossas partes-teste, e redobramos nossos esforços – mas sem muita ajuda específica. Ele enviou-me uma separata do seu artigo sobre ciência em *Economy and Society* e sugeriu que eu lesse seus dois artigos de 1970 sobre a sociologia do conhecimento em *Sociology* assim como “Problemas de Envolvimento e Separação” do *British Journal of Sociology*¹¹, de 1956. Eles não nos ajudaram muito. Eles ajudariam se eu soubesse o que eu sei agora sobre o trabalho do Norbert. Mas se eu soubesse não precisaria tê-los.

Finalmente, eu enviei um texto completo com revisões adicionais feitas aos capítulos anteriores com a esperança de que “a ficha tivesse caído” quando traduzi os capítulos posteriores. Era o momento de encontrar Norbert Elias. Por volta do meio-dia do dia 10 de agosto de 1972, eu aguardava nos escritórios dos Hutchinsons, na Praça Fitzroy, em Londres a chegada de Elias, vindo de Leicester. Anne Douglas, nossa editora, disse-me que Norbert tinha confundido as datas e chegara no dia anterior, mas tinha saído animadamente para a biblioteca de Museu Britânico, dizendo que nenhum dia em Londres deve ser perdido. Ela também me avisou que Norbert estava “muito velho”, supondo, embora não dizendo, que ele estava provavelmente ficando meio “gagá”. Voltando ao que é divertido: ele tinha apenas 75 anos e teria ainda 18 anos muito produtivos para viver.

Norbert chegou (novamente) e me arrastou rapidamente para um famoso restaurante de peixe perto da rua

¹¹ ‘Theory of Science and History of Science: Comments on a Recent Discussion’, *Economy and Society*, 1 (2) 1972: 117-33; ‘Sociology of Knowledge: New Perspectives’, *Sociology*, 5 (2 and 3) 1971: 149-68, 355-70; ‘Problems of Involvement and Detachment’, *British Journal of Sociology*, 7 (3) 1956: 226-52.

Charlotte, “um velho abrigo dele”, eu pensei¹². Eu me lembro de ter ficado muito nervoso, assim que nós caminhamos pela rua num lindo dia de sol. Nós não conversamos muito sobre a tradução, nem então nem mais tarde, mas - talvez em resposta às minhas desajeitadas indagações sobre as suas origens intelectuais - ele perguntou sobre minhas idéias. Estaria eu interessado na sociologia fenomenológica, por que era então popular? Eu disse de forma não cautelosa que sim, que eu estava um pouco. “Ah”, disse Norbert, “foi o que pensei”. Dentro de poucos minutos ele tinha dito o porquê eu deveria estar altamente cético. Aquele foi, provavelmente, o ponto inicial para uma redação, que eu posteriormente publiquei (durante a “guerra das escolas” na sociologia britânica), atacando os fundamentos da etnometodologia¹³. E ainda não havíamos chegado ao restaurante. Lá, lembro-me, Norbert rapidamente descobriu que eu nunca tinha comido enguia, e pediu que eu a escolhesse. Meu problema em lidar com os ossos, provavelmente, assegurou que Norbert falasse na maioria do tempo. Deparar-se com o homem depois de ler o livro rapidamente convenceu-me que aqui estava uma mente sociológica num nível acima de Talcott Parsons, com quem eu tinha estudado e brevemente vim a conhecer muito bem intelectualmente e socialmente em Harvard entre 1966–67. Foi difícil em concordar com o fato de que ninguém na sociologia britânica, fora de um círculo imediato daqueles associados a Leicester, parecia saber alguma coisa sobre ele. Lembro-me de uma primeira conversa, na qual eu me permiti aparecer muito impressionado, quando ele me disse que tinha sido assistente de Karl Mannheim em Frankfurt. Ficou imediatamente claro que Norbert ficou insultado em ser considerado menos, antes que igual, do que os sociólogos mais conhecidos então.

Em 1974 me candidatei a um posto no Departamento de Sociologia em Leicester. Lá, eu encontrei, naquela época, Eric Dunning, assim como Joe e Olive Banks e alguns outros colegas de Norbert. Esperava ser nomeado – Joe me disse depois que eles tinham escrito a lápis meu nome no horário para o ano seguinte. Naquela ocasião, minha entrevista foi um desastre mundial. Fiquei esperando nos corredores, metafórica e literalmente falando, por 24 horas. Provavelmente, eu queria muito escapar de Exeter e ir para Leicester. Mas havia alguma coisa que aumentou o meu nível de ansiedade, a tal ponto que eu me tornei incoerente: Norbert havia tido justamente sua discussão espetacular com Ilya Neustadt. Neustadt parecia ter gostado de mim, mas tanto Norbert como Eric disseram-me que seria melhor não falar sobre a minha conexão com Norbert – a razão principal pela qual eu queria me mudar para Leicester. Na verdade foi muito inibidor, e não foi o meu momento mais feliz. Relembrando, o estrago

¹² Esta foi a primeira das diversas refeições que Norbert me convidou. Apesar dos meus melhores esforços em corresponder, eu não acredito que tive sucesso em pagar a conta por uma das refeições que nós tivemos.

¹³ Stephen Mennell, ‘Ethnomethodology and the New *Methodenstreit*’, *Acta Sociologica*, 18 (4) 1975: 287-302.

que eu fiz na entrevista pode, talvez, ser visto como uma conseqüência figuracional não planejada da propensão contrária do counter-ego, proposto por Norbert, de discutir com muitos daqueles que estão mais próximos. Ele compensou isso, naquela noite, enchendo-me com Chivas Regal perto da Avenida Central 19, falando brilhantemente – esta foi a primeira vez que eu ouvi a idéia das teorias processuais em cinco dimensões – e me despachando nas primeiras horas do dia seguinte anestesiado num táxi.

Quase nada aconteceu sobre a tradução do *What is Sociology?* No dia 30 novembro de 1972, Anne Douglas escreveu, de Hutchinsons, que o “Silêncio do Professor Elias é na verdade um pouco preocupante”. Depois de um tempo, transpareceu que Norbert tinha perdido o texto a máquina. Eu tinha uma fotocópia feita com a cópia de carbono; isto foi muito antes dos processadores mundiais, e do tempo em que obter uma cópia de Xerox era um negócio lento e cansativo. Lembro-me de uma conversa ao telefone com o Percy Cohen, editor das séries da sociologia de Hutchinsons, na qual eu expliquei os atrasos. Percy disse que logo seria muito tarde para a amolação de publicar o livro, porque o momento tinha passado – o primeiro volume de Emmanuel Wallerstein chamado de *The Modern World System* tinha surgido, juntamente com vários outros livros marcando uma volta ao passado em direção a uma sociologia historicamente orientada, e Percy achou que Norbert tinha perdido esta oportunidade. (De volta à década de 1960, Percy e Norbert tinham juntos ensinado teoria sociológica em Leicester, com Percy defendendo a então-corrente funcionalista, e Norbert a sua abordagem de desenvolvimento, que era então considerada irremediavelmente ultrapassada e vitoriana).

Finalmente decidiu-se que eu iria ficar com Norbert na Avenida Central por uma semana mais ou menos, na passagem do Ano Novo de 1975, para fazer as correções finais para a tradução. Eu cheguei com gripe, a qual me privou da minha única chance de nadar com Norbert na sua piscina. Mas eu ainda podia trabalhar. Nós, entretanto, não nos sentamos, como esperado, para trabalhar sistematicamente através dos capítulos, usando minhas listas cuidadosas de perguntas e problemas. Norbert tinha novamente perdido a introdução e os dois primeiros capítulos, mas conseguiu encontrar os últimos quatro. Ele fez-me sentar diante da sua velha máquina de escrever portátil alemã (com o y e z transpostos), e começou a ditar uma nova seção de abertura ao capítulo terceiro (*The Game Models*). Nada que Norbert ditasse era novo: tudo já tinha sido dito no livro, mas em uma ordem um pouco diferente. Talvez tenhamos trabalhado deste modo por um dia inteiro. Em seguida, usei um pouco do novo material no lugar velho; e é por isso que as poucas primeiras páginas do capítulo terceiro são o único lugar do livro em que os textos em inglês e alemão não coincidem totalmente.

Norbert, entretanto, estava na maioria do tempo distraído com uma palestra iminente que ele tinha prometido dar numa reunião de historiadores de arte, que estava acontecendo em um dos halls da residência em Leicester, logo depois do ano novo. O convite foi consequência de uma exibição da coleção de Norbert sobre a arte do Oeste africano, a qual acontecera poucos anos antes no museu em Leicester¹⁴. Nós subimos até um sótão para selecionar as partes que ele iria precisar para sua palestra; a casa, incluindo a garagem, que não era geralmente usada, como também o sótão, e uma casa ao lado (19b) estavam entulhadas com esta maravilhosa coleção. No final ele escolheu precisamente três pequenas figuras rituais, para ilustrar seu modelo do processo de três estágios de desenvolvimento, a partir da pura forma nativa através da expressão maior ao artesanato individual, ao produto “kitschified” incipientemente para o mercado de turista. Quando morreu, deixou duas destas peças para mim.

A palestra foi um desastre. Norbert não tinha feito nenhuma anotação, e sem elas ele poderia ser tanto brilhante quanto terrível, sem termo meio (antes como as minhas próprias apresentações em entrevistas de trabalho, refleti mais tarde). Nessa época minha esposa, Barbara, tinha chegado a Leicester, e enquanto eu me sentava diante de Elias e lhe apresentava as figuras a Norbert, quando precisava delas, ela se sentou anonimamente ao fundo. Ela era, portanto, capaz de escutar um dos organizadores comentar: “Meu Deus, como é que nós vamos manter esta coisa de um velho tolo fora do volume da conferência”¹⁵.

Nós voltamos à Avenida Central, e Barbara colocou a chaleira para ferver água para uma xícara de chá, e então os fusíveis explodiram. Norbert mal humorado explicou. A verdade ficou clara. A chaleira estava ligada a um conjunto de adaptadores e ficou por sobre a geladeira, a qual ficava bem próximo ao fogão e estava funcionando por muitos anos. Nós abrimos a porta e removemos os mantimentos que estavam nas prateleiras mais baixas. Não parecia haver muito espaço, e então percebemos que a parte inteira do alto da prateleira estava ocupada por um bloco enorme de gelo grudado ao fundo do compartimento do freezer. A geladeira nunca tinha sido descongelada. Usamos tigelas de água quente para deslocar o gelo, o qual estava muito pesado e consegui removê-lo com dificuldade. Também examinamos os armários de Norbert e encontramos um grande número de caixas de sacos de café e latas de nozes torradas a seco, os quais aparentemente entraram no seu hábito de compras. Isto deve ter sido um legado dos racionamentos

¹⁴ *African Art from the Collection of Norbert Elias*, Exhibition Catalogue, City of Leicester Art Gallery, 1970.

¹⁵ Nem todas as pessoas conseguiram dividir esta visão; um de nossos colegas de Exeter, Michael Snow, um palestrante de Belas Artes, ficou impressionado, mas ele teve ter sido uma pequena minoria.

no tempo de guerra; mas Norbert não era muito caseiro.

No dia seguinte, Joop e Maria Goudsblom chegaram de Amsterdã. Foi a primeira vez que os encontramos. Nessa época, tanto Barbara como eu tivemos uma forte gripe. Os Goudsbloms, entretanto, disseram que eles estavam imunes porque, seguindo o conselho e a prática de Norbert, eles tomaram muitas pílulas de vitaminas. Isso pareceu muito legítimo. Ambos ficaram muito doentes depois que retornaram a Amsterdã.

Para o almoço de domingo, Norbert colocou-nos, cinco ao total, e dentro de dois táxis e viajamos milhas até a zona rural para almoçar em um “pub” do interior, seu favorito. Lembro-me que Joop escolheu bife e pudim de rim com uma crosta de gordura, outro exemplo de que quando “em Roma se faz como os Romanos fazem”¹⁶. Depois do almoço, saímos para uma longa caminhada na neblina quase congelante, com Barbara e eu visivelmente cansados. Foi uma das minhas primeiras experiências com a prática sociológica peripatética de Norbert. Joop mencionou a possibilidade de minha contribuição para o *Festschrift* com a ocasião do octogésimo aniversário de Norbert, dois anos mais tarde. De volta à conversa privada com Norbert, nós falamos sobre as teorias da ciência. Eu me aventurei a comentar que talvez a lacuna entre as visões de Norbert e pelo menos o trabalho posterior de Karl Popper não era tão grande¹⁷. Essa foi a primeira vez que eu vi Norbert ficar furibundo. Ele ficou muito ofendido.

O encontro com o Goudsbloms provou ser de importância que durou por um longo tempo assim como meu contato com Elias, o qual tinha intermediado este encontro. Joop e eu logo mantínhamos freqüente correspondência. Ele assegurou o acordo de Norbert de que ele e eu revisariamos a tradução do *What is Sociology?* juntos. Eu estava certo de que Norbert confiava em Joop de um modo que ele não confiava em mim – certamente, meu entendimento das idéias de Norbert era muito mais superficial do que se tornou mais tarde, embora eu também tenha ficado ressentido pelo fato de que ele não deu ao texto o tempo necessário para ir sistematicamente aos problemas¹⁸. Eu visitei os Goudsbloms em Viottastraat em agosto de 1975. Foi a primeira das inúmeras vezes, e me lembro sentado num jardim ensolarado e resolvendo os problemas principais¹⁹. Mais ou menos na mesma época, eu estava trabalhando sobre a

¹⁶ N.T. Metáfora para ilustrar o pedido de um prato típico da Inglaterra.

¹⁷ K. R. Popper, *Objective Knowledge: Na Evolutionary Approach*. Oxford, Clarendon Press, 1972.

¹⁸ Quando nós discutimos um problema de tradução específico o qual chamou o interesse de Norbert; ele era muito construtivo. Por exemplo, eu o tinha importunado por meses e anos sobre meu descontentamento com o termo chave *Zustandsreduktion*, discutindo que não eram os estados, mas sim os processos que eram reduzidos a estados. Isto foi o que nós viemos a concordar sobre a expressão ‘redução de processo’ em inglês.

¹⁹ Eu fiz a revisão final no curso dos dezoito meses seguintes. O livro foi eventualmente publicado por Hutchinsons e pela Columbia University Press em 1978, para meu grande alívio em um estágio de minha carreira onde eu precisava de publicações para meu crédito! Passou por poucas vicissitudes adicionais;

tradução inglesa de Joop de seu maravilhoso – mas, como estava para ser provado, prematuro – *Sociology in the Balance*²⁰. Relembrando, constato que eu era realmente mais um aluno de Joop do que diretamente de Norbert. Isso não foi somente pelo fato de, uma década mais tarde, Joop promover meu livro *All Manners of food* para um doutorado em Amsterdã, e foi assim que se tornou formalmente o meu *doctorvaater*²¹ (orientador); isto retrocede muito mais atrás. Suponho que, ao final, aprendi mais sobre as idéias de Norbert através de Joop do que com o próprio Norbert. Não estou inteiramente seguro do porquê isso aconteceu. Além dos anos em que provavelmente encontrei Joop e em que certamente com ele me correspondi, Joop com mais frequência o fez com Norbert. Depois que ele saiu de Leicester, apenas raramente tive têtes à tête sobre assuntos sociológicos com Norbert. Além disso, ele estava se tornando altamente surdo, e ele pareceu ter uma dificuldade particular com meu sotaque áspero de Yorkshire. Além disso, especialmente nos últimos anos em Amsterdã, ele teve a tendência de me convidar para visitá-lo tarde da noite – às vezes depois das onze da noite – após ter terminado seu trabalho; naquela hora do dia eu, embora quase meio século mais jovem que Norbert, já tinha passado usualmente meus melhores momentos, enquanto que ele, octogenário ou nonagenário, estava em pleno vigor.

Mas é claro que eu aprendi muito com Norbert. Às vezes foi em conferências, tais como o encontro em Aachen no seu octogésimo aniversário em 1977, no qual nós o presentamos com o *Festschrift*, no qual eu fui efetivamente induzido ao círculo mais amplo de Elias – onde eu tive meu primeiro encontro com Godfried van Benthem van den Bergh, Anton Blok, Peter Gleichmann, Hermann Korte, Nico Wilterdink, Cas Wouters e muitos outros. Depois disso, os encontros mais importantes do clã tenderam a ocorrer a cada poucos anos perto do aniversário de Norbert, no dia 22 junho. Houve a conferência de 1984 em Bielefeld sobre os processos sociais de longa duração, com o próprio Elias, Immanuel Wallerstein e William H. McNeill como figuras centrais; Michel Foucault deveria ter estado lá, mas não chegou porque, como mais tarde soubemos, ele estava exatamente naquele momento na sua cama de morte. Antes que soubéssemos das más notícias, lembro com prazer Norbert convidando seus amigos britânicos, (incluindo nessa categoria Francis Carstens), para uma refeição no Bültmannshof; era a época da Spargelfest, e quase tudo, exceto a sobremesa, era feito de aspargos. Norbert estava demonstrando

o principal enrosco que fica na minha mente foi o embaraço de ter Joop para explicar a Reinhard Bendix, o qual Columbia tinha persuadido a escrever um prefácio, o qual estava bem errado na utilização da ‘interação’ assim como um dos conceitos chaves de Elias, e no qual ele deveria ter escrito ‘interdependência’.

²⁰ Johan Goudsblom, *Sociology in the Balance*, Oxford, Blackwell, 1977. O livro tinha sido de um grande marco em holandês, mas o trabalho de Elias, o qual deu sustento a ele, foi muito menos conhecido no mundo da língua inglesa do que na Holanda, que poucos parecem ter apreciado sua significância.

²¹ Stephen Mennell, *All Manners of Food: Eating and Taste in England and France from the Middle Ages to the Present*. Oxford, Blackwell, 1985.

sinais de nostalgia pela Inglaterra²². Em 1987 houve as celebrações esplêndidas do nonagésimo aniversário de Norbert em Apeldoorn e Amsterdã, com a distinta presença de muitos amigos, incluindo Pierre Bourdieu. De grande significado na sociologia britânica, houve a conferência sobre o trabalho de Norbert, a qual Eric Dunning e eu organizamos no Balliol Colleg, Oxford nos dias 5 e 6 de janeiro de 1980, sob os auspícios do grupo de teóricos da Associação Sociológica Britânica. Os encontros do Grupo de teóricos geralmente atraíam vinte a trinta participantes, mas nesta ocasião mais ou menos uma centena de pessoas apareceram, de bem longe, como da Austrália, e incluindo quase um número suficiente da “família figurational” holandesa (assim como Cas Wouters o chamava) para fretar uma pequena aeronave. Tony Giddens chegou inesperadamente de Cambridge na primeira manhã, e nós mudamos o programa oficial da primeira sessão, a fim de combinar um debate de última hora entre Elias e Giddens. Se eu me recordo corretamente, boa parte do debate se centrou sobre a objeção de Norbert em relação à consideração imprópria de Tony (como ele reconheceu) à filosofia. Durante o resto da conferência, exigências foram feitas pela platéia para que Norbert explicasse de forma simples os seus antecedentes intelectuais e sua própria posição filosófica. “Se você olhar para trás sobre seu ombro por um longo tempo”, ele começou, e pausou dramaticamente, “você fica com o pescoço duro”. Eu passei um grande tempo entre sessões, juntamente com outros, tentando persuadí-lo a pelo menos explicar o que eram as suas objeções à filosofia. Ele parecia estar lutando com seu counter-ego. Ele se ofendia com qualquer coisa que tivesse um sabor de reconhecimento de que a filosofia, como uma disciplina, tinha alguma coisa a oferecer no mundo intelectual moderno – ele a considerou, eu acho, como mais ou menos tão relevante quanto a teologia e a sua atitude tinha a força de um anticlericalismo francês de velho-estilo. No final, ele se rendeu. Na sessão final no segundo dia ele falou, aparentemente sem preparação, sobre sua atitude ante a filosofia de Kant e o domínio da concepção do homo clausus do ser humano na filosofia ocidental desde o Renascimento. A substância destes comentários estava por aparecer impressa alguns anos mais tarde na sua redação sobre “Estabelecimentos Científicos”, e foi posteriormente desenvolvido em muitos outros contextos, por exemplo na última seção da *The Society of Individuals* e *The Symbol Theory*²³. Estou certo de que não estava sozinho entre os participantes em encontrar nesta exposição uma revelação, a qual grandemente aprofundou nosso entendimento do trabalho de Elias. Por mais que, até

²² Naquela época, o alemão tinha gradualmente se tornado, novamente, a principal língua de trabalho de Elias mas, às vezes, ele mudava entre inglês e alemão quase que inconscientemente. Lembro-me de um incidente engraçado (uma ocasião diferente em Bielefeld) quando Norbert telefonou para Hermann Korte e Rheda para pedir que ele olhasse no horário de trem o último horário que eu poderia pegar para retornar a Strasbourg onde eu tinha que participar de um encontro do Conselho da Europa. Ele começou a fazer-me perguntas em inglês e a falar em alemão com Hermann, mas terminou falando alemão comigo e inglês com Hermann.

²³ Elias, *The Society of Individuals*, Oxford, Blackwell, 1991; *The Symbol Theory*, London, Sage, 1991.

então, ele tenha resistido, ele tornou-se receptivo entre os sociólogos britânicos, escrevendo sobre o assunto. Nas duas semanas seguintes, Norbert dedicou-se vigorosamente a uma “tournée” pelas universidades britânicas – Leicester, Leeds, Edinburgh, e Exeter. Lembro-me um pouco de medo em Exeter, quando eu tive que apresentar Norbert ao seu xará, o nosso gato de estimação. Para meu alívio, ele pareceu lisonjeado de ter um gato que tivesse o mesmo nome dele; o gato não comunicava a sua visão sobre o assunto.

Em outras ocasiões nos idos de 1970 e no início da década de 1980, eu fui sozinho visitar Norbert em Bielefeld. A primeira vez foi em março de 1979, quando eu pedi seu conselho sobre a pesquisa que eu pretendia começar sobre as culturas culinárias da Inglaterra e da França. Eu mostrei a Norbert um fluxograma que eu tinha traçado para representar os meus pensamentos preliminares. Ele não aprovou o fluxograma – é claro, vigorosamente me fez ver que eles representavam uma redução processual na pior das hipóteses. Sugeri-me ler *The Englishman's Food* de Drummond e Wilbraham, e, lembrando, eu fiquei atônito e envergonhado por não ter ainda lido aquele locus classicus²⁴. Que Elias conhecesse o livro era sintoma do seu vasto conhecimento sobre a sociedade e a história britânica acumuladas nas suas quatro décadas na Inglaterra, e nos próximos anos suas cartas freqüentemente incluíam um pensamento de passagem sobre a cozinha. Mais tarde, em julho de 1981, retornei para passar uma semana com Norbert na ZIF, depois de ter juntado um material de pesquisa em grande quantidade, e foi lá que esbocei o resumo capítulo por capítulo para *All Manners of Food*. Conversamos sobre muitas outras coisas. Lembro-me especialmente de ter cruzado a rua em uma tarde ensolarada a caminho para o 'the Greek', conversando no pátio principal da Universidade de Bielefeld, outra vez, sobre teorias do conhecimento e da ciência, quando Norbert finalmente me fez entender que Hegel esteve levantando questões de grande importância sobre o crescimento do conhecimento (embora de uma forma metafísica), e finalmente superou a visão de erro que eu tinha aprendido como um aluno universitário em ler o relato cruel de Popper sobre Hegel. Esta foi também a ocasião na qual Norbert decidiu que a minha educação em cultura alemã era deficiente, e chamou Artur Bogner para me levar de bar em bar. Eu me opus, mas ele insistiu, e Artur se divertiu muito me levando a um grande tour do hefetruben Weizenbier e coisas do gênero. Norbert provavelmente queria voltar para ditar, durante a tarde, ao seu então secretário Erik Baker. Ele estava trabalhando numa nova introdução ao segundo volume do *The Civilizing Process* – que foi uma razão para um longo espaço de tempo entre a publicação dos dois volumes em inglês – e já havia textos

²⁴ Sir Jack Drummond and Anne Wilbraham, *The Englishman's Food*, London, Jonathan Cape, 1939.

clássicos com vários comentadores de um longo ensaio que estendia a teoria da formação do Estado para bem atrás, até as antigas origens dos centros urbanos agrários, como na Suméria. Ofereci-me para fazer um sumário para o ponto principal deles em uma introdução de um comprimento razoável, à qual eu fiz nos próximos meses de volta a Inglaterra. Assim como eu esperava, Norbert agradeceu-me muito por meus esforços, mas se sentiu incapaz de usar meu texto. Sua carta é importante, trazendo à luz informações que clareiam sua atitude em relação a esta obra; serve também para fornecer uma ilustração do que ele pôde ter tido em mente falando sobre o “counter-ego”, mas ele também mostra o seu super-ego acadêmico e é tão honesto e impetuoso que me fez sentir arrogante de ter ousado oferecer um conselho sobre esses assuntos de apresentação:

Fiquei muito agradecido pelo esforço que você fez em produzir uma versão mais curta da minha introdução ao volume dois ela soa muito melhor do que qualquer introdução que eu mesmo poderia esperar produzir, mas existem um número de coisas que você não incluiu na sua versão da introdução as quais minha consciência não deixa escapar e me diz que deveria ser incluída. Fiz um último esforço para encontrar um compromisso entre seu conselho (que uma parte de mim sabe que é um bom conselho) e minha consciência (a qual tem sido a minha conselheira leal por 84 anos). Mas aquele esforço foi cortado por uma carta muito rígida de David Martin [então Diretor de Gerenciamento de Blackwells, dizendo]... ele vai ter que ir em frente sem introdução se MS não vier imediatamente.²⁵

O segundo volume apareceu em 1982 sem nenhuma introdução.

Talvez o ápice da amizade com Norbert fosse a minha promoção na Universidade de Amsterdã em setembro de 1985, quando ele sentou majestaticamente no meio da fila da frente da platéia porque, no dia seguinte, houve uma conversa entre nós a qual criou uma dupla dificuldade. Saímos para uma caminhada juntos no Parque Vondel, e Norbert me perguntou sobre meus próprios planos em escrever. Eu disse – penso que claramente razoável – que acreditava que era hora para alguém escrever um livro sobre as próprias idéias de Norbert, e a tradição da pesquisa na qual eles tinham que ser empregados, para fazê-los mais acessíveis para um público sociológico mais amplo. Eu pensei que ele tinha dado a sua aprovação. Mais tarde confirmou-se que ele tivera a impressão de que eu tinha em mente um tipo diferente de livro do qual atualmente tenho – ele pensou que eu pretendia editar uma seleção de escritos em estilo “figuracional”. Para tornar as coisas piores, perguntei sobre o que ele estava escrevendo no momento, e me disse que era sobre The Symbol Theory. Então fiz duas observações inteiramente injustificadas. Uma era o comentário petulante de que ele escreveu tão depressa que eu não poderia acompanhar, e ele precisou parar para me dar uma chance. Mais tarde, ele usou isso como uma justificativa para me acusar

²⁵ Carta de Elias para Mennell, datada de 14 de setembro de 1981.

de querer vê-lo morto; certamente isto foi um comentário mais inapropriado a se fazer a alguém que – como um leitor que lê apenas entre as linhas *The Loneliness of the Dying* torna claro – e ele estava, amedrontado ante o processo de morrer, se não da morte. E, talvez pior, eu sugeri tão delicadamente quanto eu poderia o pensamento de que eu estava preocupado que o *The Symbol Theory* poderia acabar prejudicando antes que melhorando sua reputação. Neste assunto não estou ainda convencido de que estava inteiramente errado; embora o livro contenha muitos insights surpreendentes, ele é mal estruturado e repetitivo. Richard Kilminster, que editou o texto com a aprovação de Norbert, procurou fazer mudanças mais radicais do que Norbert permitiria, e muito pouco foi naquela época cortado. Mesmo os leitores simpatizantes como o colega da universidade de Monash, Harry Redner, inicialmente falhou em ver qualquer coisa no livro que todos já não soubessem.

Houve tempos felizes depois disso. Durante o ano eu passei como um Fellow no Instituto holandês para Estudos Avançados em Wassenaar – no dia 22 de outubro de 1987, para ser preciso, porque eu estava na festa de aniversário do Cas Wouters naquela época – Norbert telefonou-me para pedir que eu fosse a Strasbourg no próximo dia, mas unicamente a fim de aceitar como seu representante o título de doutor honoris causa. Fiquei grandemente honrado, mesmo se Christian de Montlibert e seus colegas de Strasbourg inevitavelmente me consideravam mais como um segundo melhor²⁶. No meu retorno a Amsterdã, levei Zdzislaw Mach comigo para presentear Norbert com um manto peludo (epitoge), e após o jantar Norbert se perdeu em nostalgia sobre seus dias de jovem esquiando nas montanhas da Silesia, onde Zdzislaw tinha recentemente montado um campo de pesquisa e que agora são territórios da Polônia Ocidental.

Mas a conversa de 1985 no Parque Vondel continuou a projetar uma longa sombra. Nos inícios de 1987, quando eu já tinha rascunhado os primeiros cinco capítulos do livro que se tornou Norbert Elias: *Civilization and the Human Self-Image*²⁷, Elias tentou impedir-me de completá-lo. Declarou-o anátema e chamou sua agente, Ruth Liepman – para seu intenso embaraço – para me telefonar e me escrever uma carta severa. Eu suponho, se necessário, que ele poderia ter prevenido meu uso extensivo de citações do seu trabalho. Foi uma situação desagradável, e por um momento parei de trabalhar no livro. Fui salvo

²⁶ Christian de Montlibert tinha se empenhado em ter o prêmio da Universidade de Strasbourg II para conceder o DHC para Elias, então isto não pôde ser de nenhuma ajuda e ficou desapontado em ter que se adequar a mim. O Departamento de Sociologia inteiro juntou-se em *L'Ancienne Douane* e depois do jantar eu tive que dar um seminário de improviso sobre o trabalho de Elias no meu limitado francês, depois de ter bebido de um bom vinho. No dia seguinte, depois da cerimônia, as coisas estavam um pouco estranhas quando Christian perguntou-me se eu deveria telefonar a Elias, que estava indisposto, em Amsterdã. Eu lembrei que Elias falara francês perfeito quando era jovem e ele concordou. Foi um desastre, porque Norbert não podia seguir nenhuma palavra que Christian dizia, parecendo não saber quem ele era, e ele desligou o telefone.

²⁷ Stephen Mennell, *Norbert Elias and the Human Self-Image*, Oxford, Blackwell, 1989 (ver. Ed., entitled *Norbert Elias: Na Introduction*, 1992).

quando Richard Kilminster se propôs a escrever um livro similar, e escreveu a Norbert para falar-lhe sobre isso. Nessa altura dos acontecimentos, Norbert reconheceu a impossibilidade de parar todos os escritos secundários sobre seu trabalho, e nos deu carta branca para continuar. Durante o ano eu passei em NIAS, e me dirigia para ver Norbert tarde da noite a cada duas semanas, mas nós não falávamos muito sobre o meu livro. Periodicamente havia comoções. Isto geralmente coincidiu com Cas Wouters – que, juntamente com Joop Goudsblom e Eric Dunning estavam lendo cada rascunho do capítulo que eu findava – tentando convencer Norbert do bom livro que o meu caminhava para ser. Elias escreveu uma carta bem grosseira em janeiro de 1988. Ainda que a cortesia, de alguma forma, estivesse sendo mantida.

No nonagésimo-primeiro aniversário de Norbert houve um pequeno jantar em Amsterdã no qual o primeiro Prêmio Europeu Amalfi foi apresentado a Norbert pelo Die Gesellschaft der Individuen, julgado o mais belo trabalho de sociologia publicado na Europa naquele ano. Anton Blok foi convidado pela primeira vez desde sua célebre apostasia em 1981, a qual capacitou Hermann Korte a comentar alegremente para mim que “Você está na casa do cachorro, Stephen, mas Anton está no inferno!”. Mais ou menos naquela época, até mesmo Joop tinha se juntado a mim no canil. Norbert fez uma objeção a publicação de Joop de um ensaio sobre Priets and Warriors²⁸, acusando-o mais ou menos de plágio. É claro que essa acusação foi absurda, dirigida a um amigo que mais do que ninguém tinha difundido a palavra sobre a importância de Elias e, por mais de duas décadas antes, criou a maior escola de pesquisa centrada nas suas teorias. Joop não gostou disso; mas o seu período no purgatório foi menos prolongado do que o meu e eu me tinha gradualmente acostumado aos pokers vermelhos em brasa. Relembrando, pareceu-me claro que Norbert estava sofrendo de uma moderada paranóia das pessoas velhas; considerando novamente *The Loneliness of the Dying*, eu acho que o motivo é claro. Muitas pessoas velhas se tornam altamente dependentes dos amigos que foram uma vez seus protegidos, que estão ao mesmo tempo se tornando menos dependentes deles; a razão de poder está mudando, e isso é ofensivo.

No final nós nos reconciliamos. O meu livro sobre a sociologia de Elias foi publicado em meados de 1989, e é claro eu enviei uma cópia para ele. Nada foi dito até a última vez em que eu vi Norbert. Foi no final de janeiro de 1990, justamente uma semana antes de eu viajar para ocupar a cadeira de sociologia na Universidade de Monash, Austrália. Joop e Maria Goudsblom organizaram uma festa de despedida no número 13 Viottastraat para meus amigos holandeses e Norbert desceu escoltado por Bram van Stolk e

²⁸ O artigo foi publicado em holandês no suplemento colorido da *Vrij Nederland*, mas uma versão posterior deste argumento pode ser encontrado nos capítulos de Johan Goudsblom, Eric Jones, e Stephen Mennell, *The Course of Human History: Economic Growth, Social Process, and Civilization*, New York, M.E. Sharpe, 1996.

Rudolf Knijff. Ele me disse que depois de tudo, ele bem que gostou do meu livro e decidiu que o livro faria algum bem. E, de forma mais tocante, ele me presenteou com uma cópia de seu último livro (e, como ficou provado, a última publicação de sua vida), *Studien über die Deutschen*²⁹. Foi escrito: “para Stephen... dass er Europa nicht vergesse. Freundshaftlich, Norbert”. Somente seis meses mais tarde, eu estava escrevendo obituários na Austrália, e os enviando via fax durante a noite para os jornais *The Times* e o *Independent* em Londres.

No início dessas memórias eu usei a noção efêmera de Norbert Elias do “counter-ego” como um grampo no qual pendurá-las. Mas, se o conceito tem algum valor, ele seria muito pouco consistente com a sociologia figuracional para considerar o “counter-ego” como uma propriedade estática do *homo clausus* singular. Revendo o curso de minha relação íntima, porém às vezes pouco fértil, com Elias nos últimos dezoito anos de sua vida, eu tenho certeza que eu posso ver dois “counter-egos” trabalhando.

²⁹ Naquela época, eu não tinha nenhuma idéia de que Eric Dunning e eu teríamos que aceitar a tradução do inglês do livro. Ver *The Germans: Power Struggles and the Development of Habitus in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Oxford, Polity Press, 1996.

Dr. Stephen Menell
University College Dublin

Tradutores:

Dr. Francisco Cock Fontanella

Universidade Metodista de Piracicaba

Ms. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ana Valéria Bisetto Bork

Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Ponta Grossa

Referência do artigo:

ABNT

MENNELL, S., Elias e o counter-ego, *Conexões*, v, 0, n. 4, p. 99-116, 2000.

APA

Mennell, S., (2000). Elias e o counter-ego, *Conexões*, 0(4), 99-116.

VANCOUVER

Mennell S, Elias e o counter-ego, *Conexões*, 2000; 0(4): 99-116.